

Ulysses prepara oposição a Sarney

Constituinte é o prenúncio de Congresso hostil

Villas-Bôas Corrêa

O desligamento brusco do PMDB do doutor Ulysses do governo, levando três ministros e a maioria da bancada, começou a armar uma oposição parlamentar estruturada e que soma, além dos representantes do partido, todos os descontentes, até aqui dispersos e subdivididos na pulverização das siglas e divergências ideológicas.

O presidente José Sarney assumiu o governo com o apoio consensual da sociedade mobilizada, refletida numa Constituinte virtualmente sem oposição, salvo a de legendas nanicas e à esquerda. Quando a Constituinte inicia as rodadas corretivas do segundo turno de votação, Sarney não apenas perdeu a sustentação da maioria como assiste à articulação de um bloco oposicionista que se instala num momento emocional e que só tende a ampliar-se no clima de impopularidade do governo.

Duas linhas — Na verdade, a Constituinte, neste final de trabalho, confrontará as bancadas do governo e da oposição todas as vezes que o interesse oficial visível estabelecer a linha divisória em marcação nitidamente política. Não apenas na Constituinte, também e com maior razão, nos raros choques do Congresso desativado, na Câmara e Senado em recesso de fato.

Na rotina dos debates e votações, a Constituinte sustentará o racha fundamental, de múltiplas composições circunstanciais mas com a referência predominante da separação ideológica.

Se o governo foi se afastando, pouco a pouco mas inexoravelmente, do PMDB histórico, progressista, esquerdista e refluindo para uma postura de ortodoxia conservadora, é inevitável a aproximação com o *Centrão* e seus assemelhados. A oposição que se está compondo deverá atuar muito mais intensa e perigosamente no Congresso e nas próximas lutas na Câmara — que o Senado já é um vetusto foco rebelado, sediando a CPI da Corrupção.

A campanha municipal que está à porta, para a eleição de prefeitos e vereadores em 15 de novembro, prenuncia para o governo um período de preocupante agitação. Na inclinação de virulenta oposição da maioria parlamentar, o governo será atacado por todos os lados nos comícios, nas faixas, cartazes, nos programas em rede de rádio e televisão garantidos pela Justiça Eleitoral. E, em carga dobrada, na Câmara e no Senado, na medida em que a oposição se confirme como sedutora promessa de votos.

Defensiva — Acuado, praticamente sem quem o defenda, restará ao presidente perseverar na postura anunciada de distanciamento, cruzando os braços indiferentes a uma disputa municipal, da responsabilidade de governadores e dos esquemas locais.

Não será fácil. Em algum instante, o governo será compelido a defender-se, a explicar-se. E nessas horas amargará a solidão, o desamparo parlamentar. Mesmo os que dele não se afastarem evitarão expor-se aos desgastes na véspera da eleição.



Ulysses pretende acuar Sarney com a nova Carta

Números exatos ninguém sabe. Porque nem a oposição é um sólido bloco consolidado, nem o governo confia na lista dos seus inconstantes aliados. De um lado e do outro, um grupo estica a corda da radicalização. Pelo meio, a massa de manobra joga no campo inteiro, bandeando-se para cá e para lá ao sabor das conveniências.

Partido-líder — O grave e novo é que o governo vai diminuindo e a oposição inflando e organizando-se. Falta o partido-líder, aglutinador, com voto e comando. Não falta mais. O PMDB credenciou-se ao posto com sua maioria, sob a batuta de um presidente num dos piques de prestígio nacional. O mesmo doutor Ulysses lapidado pelos dissidentes que tucanaram, criticado de omissão, hesitante, responsável pela descaracterização da legenda, infiel na execução dos compromissos do programa e da campanha, com índice altíssimo de rejeição — 62% — em recente pesquisa de opinião pública.

A acumulação de presidências constrangerá o presidente do PMDB a comandar a legenda na veemência da oposição sem quartel. Afinal, doutor Ulysses é também o presidente da Constituinte e, como presidente da Câmara, o substituto do presidente José Sarney — um recordista que amanhã estará emplacando a sua 13ª interinidade, com a viagem de Sarney a Bolívia. Não será necessário. O PMDB, dividido mas majoritário, dispara no rumo da crescente oposição. E doutor Ulysses não moverá um dedo para evitar. Até muito ao contrário.

PMDB lidera bloco do contra

A sedução da tribuna parlamentar para o livre vôo da eloquência oposicionista, com a concorrência do PMDB liberado, promete uma corrida com os seus lances de emoção. Os poucos, os raros que amanheceram no combate certamente saudarão os novos aliados mas deixando claro e explícito que a antiguidade impõe-se na hierarquia.

A oposição que estreou com o discurso barroco do doutor Ulysses é outra coisa. É a rearmagem do plenário, o ensaio da reformulação partidária, antecedida como a última etapa da transição, em seguida à eleição direta do futuro presidente da República, em 89, na provável, na quase certa polarização do segundo turno.

Para já, o que está sendo armado é um bloco oposicionista, capitaneado pela

Wilson Pedrosa — 31/7/88

O primeiro impulso dos açodados inspirou o grito de rompimento formal com o governo na convenção nacional convocada para 21 de agosto. No embalo do desligamento do grupo ulyssista, o rompimento apresenta-se como o passo seguinte. Parece hoje lógico e incontornável, no rescaldo da derrota de Sarney, da vitória gloriosa do doutor Ulysses e nas proximidades de campanha eleitoral. Mas não deve ser assim tão simples. O PMDB não reencontrou a sua unidade: clarificou divergências, superou ambigüidades. A divisão permanece, aprofundada.

O PMDB governista detém dez ministérios e apenas dois ou três ministros serão sensíveis a uma decisão da convenção pelo rompimento. Campanha à vista aconselha prudência. O partido perdeu quadros importantes e não se pode dar ao luxo de dispensar ministros desobedientes entendidos com governadores. Nem precisa. A porta de emergência abre-se para a alternativa da saída perfeita: em vez de rompimento, a declaração retumbante; enfática de independência. Assim, tudo continua como está, nada muda e tudo se altera.

A oposição demonstrará a sua força, tangendo a legenda a rever o compromisso de apoio ao governo. A oposição conquista a legitimidade da linha partidária. Desobriga-se do apoio ao governo que nunca chegou a apoiar. Pode falar grosso da tribuna, nos comícios, na televisão, no rádio. Catando os votos perdidos

maioria do PMDB, para atuar na Constituinte, no Congresso, no Senado e na Câmara com agressivo desembaraço. Misturando o pedaço magro da dissidência do PFL, curiosamente liderado pelo presidente do partido, senador Marco Maciel. Juntando no mesmo saco os conservadores desgarrados do governo assumidamente centrista e o leque das esquerdas, abanando dúzia de siglas até - por que não? - os que acabam de bater asas para o PSDB.

O bloco manterá as suas divergências, acentuadas em tempos de campanha eleitoral. Mas o PMDB do doutor Ulysses sinalizou que é hora de tascar o governo, de desancar Sarney. É hora de oposição. De eleição. Véspera de sucessão presidencial. No voto direto.